



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8198 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

### **EDUCAÇÃO DE FILHAS E FILHOS PEQUENAS(OS), INFÂNCIA E A DIMENSÃO DO CUIDADO EM TEMPOS DE PANDEMIA EM PAÍSES COM DISTINTA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO**

Adriana Rio - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Ana Lúcia Goulart de Faria - FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Flávia Eduarda Gomes Pereira - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

### **EDUCAÇÃO DE FILHAS E FILHOS PEQUENAS(OS), INFÂNCIA E A DIMENSÃO DO CUIDADO EM TEMPOS DE PANDEMIA EM PAÍSES COM DISTINTA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO**

O objetivo desta comunicação é discutir a educação e os cuidados de meninas(os) pequenas(os) e bebês em tempos de pandemia. Destacaremos pesquisas nas quais investigamos a educação na esfera pública de crianças de 0 a 6 anos e as interfaces com os feminismos plurais, enfatizando a dimensão do cuidado na divisão sexual do trabalho. Situado teoricamente na tensão entre o pensamento pós-colonial e o marxismo, refletimos acerca dos efeitos da pandemia do novo Coronavírus na educação das crianças em creches e pré-escolas e o estado de calamidade pública declarado em março de 2020.

Nessa perspectiva, a proposta a ser apresentada na 14ª Reunião Regional da ANPEd-Sudeste, com o tema *Direito à vida, direito à educação em tempos de pandemia*, tem por objetivo problematizar o direito das crianças de 0-6 anos à primeira etapa da Educação Básica, a partir de três eixos centrais: 1. A posição da mulher no contexto da pandemia, os impactos nas vidas das mulheres brasileiras em contraponto a realidades em que estão organizadas outras formas da divisão sexual do trabalho mais paritárias, sobretudo em relação à educação das(os) filhas(os) desde o nascimento. 2. O papel do cuidado em tempos de isolamento social. 3. O aumento da violência doméstica e dos índices de feminicídio. Com análises das diferentes realidades sociopolíticas, serão abordados os processos de responsabilização da educação das crianças pequenas em cada realidade, destacando como se dá a divisão sexual do trabalho nessa conjuntura política.

O trabalho doméstico, o cuidado com filhas(os) pequenas(os) e o auxílio nas atividades educativas e didáticas são majoritariamente realizados por mulheres. Esta questão é uma das facetas das desigualdades decorrentes da divisão sexual do trabalho no Brasil, mas estamos atentas às interseccionalidades que complexificam as diferenças produzindo desigualdades, pois não há um modelo único de família, com múltiplas formas de reprodução da vida social.

Em países nos quais se compartilha entre o pai e a mãe a responsabilidade da educação de filhas(os) pequenas(os) e a licença maternidade/paternidade é de 1 ano para estudo ou trabalho do pai ou da mãe, a partir de 1 ano de idade as crianças frequentam creches públicas, e o Estado é responsável por sua vida e educação durante o dia. Nessas realidades, na pandemia, creches, pré-escolas e ‘ensino fundamental’ continuaram a funcionar desde a declaração de estado de calamidade pública; para as (os) jovens do Ensino Médio e das Universidades foi interrompido o ensino presencial. Se fechassem as creches e escolas primárias, quem ficaria com as crianças?

A partir de levantamento bibliográfico nas pesquisas do Grupo de Estudos e Pesquisa, problematizaremos com dados atualizados o aumento, mesmo que pequeno, da violência doméstica nessas realidades com divisão sexual do trabalho mais paritárias. A pedofilia, apesar de ser residual, existe, mas não aumentou no período de pandemia.

Há outras especificidades e perversidades nesta conjuntura, como mulheres que perderam seus empregos, permanecendo em suas casas com seus potenciais agressores. Em “Um vírus e duas guerras: Mulheres enfrentam em casa a violência doméstica e a pandemia da Covid-19” (PONTE, 2020), levantamento inédito realizado em uma parceria colaborativa entre mídias independentes acerca da violência doméstica nos meses de março e abril deste ano, durante a pandemia do novo Coronavírus, apontou que os casos de feminicídio no país aumentaram em 5% em relação a igual período de 2019.

A cruel violência doméstica, aumentada com o confinamento das mulheres em casa com seus agressores, a sobrecarga do trabalho que recai sobre as mulheres, com a histórica desigual divisão sexual do trabalho, com toda a complexidade interseccional e/ou consubstancial de classe, raça e gênero (HIRATA, CEA, 2020) reforçaram a urgência do debate no tocante à economia do cuidado, conforme *Live* de Monica Bolle e Debora Diniz (BOLLE, 2020). Tal fato evidencia e problematiza a responsabilização feminina das mães, tias, avós, quase que exclusiva com as crianças sem as creches, pré-escolas e escolas.

Ressalta-se que vivemos tempos sombrios de dupla tragédia à brasileira; há ainda uma valorização exacerbada de atitudes pouco cuidadosas, egoístas e desumanas. A pandemia no Brasil desgovernado, com um necroestado genocida, escancarou as desigualdades sociais, matando milhares de pessoas, do genocídio das(os) jovens negras(os) ao feminicídio político de Marielle Franco, passando por crianças como Miguel, Ágata, João Pedro, dentre outras, e o extermínio entre as populações indígenas com a invasão de seus territórios.

Evidencia-se a emergência do autocuidado como uma estratégia revolucionária, para nos fortalecermos no cotidiano, entrelaçando esta dimensão com uma ação política, reforçando a necessidade coletiva de como precisamos nos cuidar singularmente em conexão com nossas redes sociais, ressaltando que nos inspira o conceito do Autocuidado com o feminismo negro, de Audre Lorde (PORTAL GELEDES, 2019), e não do neoliberalismo, antipatriarcal, antirracista e anticapitalista que alimenta as utopias e o otimismo para um mundo reinventado pós- pandemia.

Estamos atentas aos movimentos de resistência, opondo-se aos “projetos históricos das coisas”, com os “projetos históricos dos vínculos” (SEGATO, 2020), reforçado com a consciência inexorável da morte e da nossa interdependência como seres humanos, com nossa vulnerabilidade exposta pelo vírus, sobretudo do feminismo transnacional, que denuncia as múltiplas facetas da violência patriarcal, ações articuladas pela sociedade civil, apontando possibilidades de somar esforços para reinventarmos outros modos de educar, cuidar, produzir a vida.

A pesquisa na área da Educação Infantil, educação das crianças pequenas, neste

momento de obscurantismo científico no país, tem sido a nossa forma de resistência e de esperança. Muitas pesquisas, sobretudo as etnografias, têm sido interrompidas e cabe observar como as(os) professoras(es) de creche e pré-escolas estão reinventando formas de cuidar e educar sem EAD, mas no fortalecimento da relação creche-família.

**Palavras-chave:** Educação de filhas(os) pequenas(os); Cuidado; Pequena infância; Divisão sexual do trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLLE, Mônica de. **As Mulheres na Pandemia e a Economia do Cuidado: Monica de Bolle e Debora Diniz**. 2020.(1h4min). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=uxdh2Pxi4es>>. Acesso em:14 set. 2020.

CEA – UFRRJ- Centro de Estudos Avançados. **Trabalho e cuidado em tempos de pandemia-entrevista com Helena Hirata** (CNRS, França / USP). 2020. (1h29min32s). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=udwgIdgpgKU>>. Acesso em:14 set. 2020.

PONTE. Um vírus e duas guerras: Mulheres enfrentam em casa a violência doméstica e a pandemia da Covid-19. **Ponte Jornalismo**. 18 jun. 2020. Disponível em: < <https://ponte.org/mulheres-enfrentam-em-casa-a-violencia-domestica-e-a-pandemia-da-covid-19/>>. Acesso em:14 set. 2020.

PORTAL GELÉDES. Autocuidado: a próxima fronteira do feminismo (e que deveria ser estendida a todas as mulheres). **Portal Gelédes**. 12 jan. 2019. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/autocuidado-a-proxima-fronteira-do-feminismo-e-que-deveria-ser-estendida-a-todas-as-mulheres/>> Acesso em:14 set. 2020.

BOLLE, Mônica de. **As Mulheres na Pandemia e a Economia do Cuidado: Monica de Bolle e Debora Diniz**. 2020. (1h4min). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=uxdh2Pxi4es>>. Acesso em:14 set. 2020.

SEGATO, Rita L. Coronavirus: todos somos mortales Del significativo vacío a la naturaleza abierta de la historia. *In*: ANTUCHO, Mario *et al*. **La vida en suspenso: 16 hipótesis sobre la Argentina irreconocible que viene**.1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo XXI Ed. Argentina, 2020. Libro digital, EPUB. (Crisis). p.83-94.